



“Casa das Estrelas”: Uma Análise da Infância na Contemporaneidade

Bruna Guerra Oleques¹; Marcele Pereira da Rosa Zucolotto²

Resumo: Neste artigo, pretende-se investigar a criança e a infância tendo como material de análise o livro “Casa das Estrelas – O universo contado pelas crianças”, uma espécie de dicionário onde o significado das palavras é dito pelas crianças. Pretende-se mostrar o quanto os conceitos de criança e de infância foram se modificando ao longo dos séculos, trazendo, na atualidade, possibilidades de inovação, novidade, inventividade, experiência e historicidade. Aponta-se, com estas considerações, a potência de criação das crianças, seu poder de inventividade e o quanto é importante darmos voz a elas.

Palavras-chave: criança, infância, Casa das Estrelas, invenção.

“House of Stars”: A Childhood Analysis in Contemporary

Abstract: In this article, we intend to investigate the child and childhood, having as an analysis material the book "House of Stars – The universe told by children", a kind of dictionary where the meaning of words is said by children. It is intended to show how much the concepts of children and childhood have been changing over the centuries, bringing, at present, possibilities for innovation, novelty, inventiveness, experience and historicity. One can see, with these considerations, the power of raising children, their power of inventiveness and how important it is to give voice to them.

Keywords: child, childhood, House of Stars, invention.

Introdução

“Para mim a criança é algo que não é cachorro. É um humano que todos temos que apreciar”.

(Johana Villa, 8 anos. Do livro “Casa das Estrelas – O universo contado pelas crianças” de Javier Naranjo)

Pesquisar a temática da infância na sociedade contemporânea nos remete inicialmente ao entendimento das diferentes representações que as crianças receberam no decorrer da história da humanidade.

¹ Graduada em Psicologia, pela Universidade Franciscana - UFN de Santa Maria RS. bruoleques@hotmail.com;

² Graduação em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Maria (2003), Mestrado (2007) e Doutorado (2014) em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atualmente é professora adjunta do Curso de Psicologia e do Mestrado em Ensino de Humanidades e Linguagens da Universidade Franciscana. marcelepr@hotmail.com.

Deparamo-nos com diferentes maneiras de se entender a infância, maneiras estas que estão fortemente atreladas aos modos pelos quais determinada sociedade compreende os sujeitos de sua época. Segundo Ariès (1981) a descoberta da infância, tal como entendemos na atualidade, se deu no século XVII e se consolidou somente durante o século XVIII. Assim, até esse momento histórico de nossa sociedade, os adultos não viam as crianças como qualitativamente diferentes de si próprios, nem como tendo características ou necessidades exclusivas, ou ainda fazendo quaisquer intervenções ou aportes significativos para o desenvolvimento infantil.

Assim, a criança percorreu a história da humanidade recebendo diferentes tratamentos em função das diferentes relações sociais que foram se estabelecendo. Segundo Kramer (2000, p. 14): “Crianças são sujeitos sociais e históricos, marcadas, portanto, pelas contradições das sociedades em que estão inseridas”. Referindo-se à infância como uma categoria social e histórica, a autora afirma ainda que a noção de infância surgiu com a sociedade capitalista e urbano-industrial, na medida em que mudavam a inserção e o papel social da criança na sua comunidade. Por isso, a ideia da infância na atualidade não pode ser desvinculada da história e das transformações pelas quais a sociedade vem passando.

Sarmiento e Pinto (1997) reforçam que foi na Idade Moderna que a infância se constituiu como uma categoria social. Os autores ressaltam que, de fato, as crianças sempre existiram em todos os períodos da humanidade, mas a relação dessas com a sociedade e com seus membros é que projeta o conceito de infância em diferentes períodos:

Com efeito, crianças existiram desde sempre, desde o primeiro ser humano, e a infância como construção social – a propósito da qual se construiu um conjunto de representações sociais e de crenças e para qual se estruturaram dispositivos de socialização e controle que a instituíram como categoria social própria – existe desde os séculos XVII e XVIII. (SARMENTO; PINTO, 1997, p. 13).

A partir destas construções sociohistóricas, podemos pensar que a infância de hoje está bastante diferenciada daquela de décadas atrás, uma infância atual que é invadida pelas novas tecnologias, as quais têm efeitos extremamente positivos, mas que, por outro lado, podem também fazer com que as crianças se ausentem, em alguma medida, das relações interpessoais e das brincadeiras com os iguais. Além desse excesso tecnológico, muitas vezes as crianças de da contemporaneidade acabam parecendo “mini adultos”, com agendas preenchidas de atividades, tornando a infância cada vez mais curta e apressada. Neste cenário, torna-se

fundamental destacar que, muitas vezes, não são respeitadas as próprias escolhas das crianças, seus próprios limites ou necessidades ou, ainda, acabam sendo eliminadas inclusive a liberdade necessária para escolher algo em meio a tudo isso. Este cenário da infância na atualidade traz, portanto, a necessidade de que seja repensado o lugar da criança, sua voz e suas possibilidades de expressão.

Tendo em vista este panorama, este artigo busca trazer algumas reflexões sobre a infância na atualidade a partir do livro “Casa das Estrelas – O universo contado pelas crianças” de Javier Naranjo, um poeta colombiano, expoente cultural e educacional na área de escrita criativa. O livro é uma espécie de “dicionário” interpretado pelas crianças, que nasceu da necessidade de Javier de escutar mais seus alunos do curso primário. Segundo Naranjo (2013), é preciso dar voz às crianças, elas têm uma forma de pensar poética, uma conexão maior com o mundo. Também é preciso parar de subestimá-las e, por este motivo, o livro abre possibilidades de significações e de como podemos aprender com as crianças.

Portanto, pretende-se pensar sobre a infância na atualidade através do livro como documento de análise, pois o mesmo ajuda a pensar sobre as crianças, mostrando a necessidade de escutá-las, de dar voz a elas e aos seus desejos, buscando meios para contribuir para torná-las muito mais pertencentes e ativas na contemporaneidade. Busca-se refletir sobre o fato de que as crianças denunciam o que somos, por meio de sua potência de inventividade.

Nossa sociedade tem uma visão adultocêntrica da criança, isto é, uma visão redutora da criança, como um ser inacabado e incompleto que precisa amadurecer e evoluir. Entende-se que urge pensar sobre qual nosso modo de conceber a infância e como olhamos para a criança na atualidade, afinal, como Larrosa (2006) interpela:

A infância é um outro: aquilo que, sempre além de qualquer tentativa de captura, inquieta a segurança de nossos saberes, questiona o poder de nossas práticas e abre um vazio em que se abisma o edifício bem construído de nossas instituições de acolhimento. Pensar a infância como um outro é, justamente, pensar essa inquietação, esse questionamento e esse vazio. (LARROSA, 2006, p. 184).

Material e Métodos

O presente artigo é referente a uma pesquisa qualitativa que, de acordo com Minayo (2001), preocupa-se com um nível de realidade que não pode ser quantificado, trabalhando com

o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo as relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Este trabalho delineou-se como uma análise documental que, de acordo com Gil (2008), é semelhante à pesquisa bibliográfica, sendo que aquilo que as diferencia é a natureza das fontes, ou seja, o material se considera aquilo que ainda não recebeu tratamento analítico, ou que ainda pode ser reelaborado de acordo com os objetivos da pesquisa. Segundo Michel (2015), a análise documental refere-se a uma consulta a documentos, registros pertencentes ao objeto de pesquisa estudado para fins de coletar informações úteis para o entendimento e análise do problema.

O documento de análise escolhido foi o livro chamado “Casa das Estrelas – O universo contado pelas crianças” de Javier Naranjo (2013), um poeta da Colômbia que sentiu a necessidade de escutar mais seus alunos do primário e com isso criou um pequeno “dicionário” onde o significado das palavras é fornecido pelas crianças. Após leitura minuciosamente do livro, buscou-se nele o que havia de mais interessante e que instigasse a pesquisa e assim foram construídas duas categorias de análise. A primeira “inventividade” onde fala do potencial de inventividade das crianças e a segunda “espaços de expressão”, que fala do quanto as crianças muitas vezes perdem o espaço/voz de se expressar devido à forma adultocêntrica de nossa contemporaneidade entendê-las. Diante do exposto, num primeiro momento, apresenta-se uma breve revisão teórica sobre infância, a sua construção social e a infância na contemporaneidade. Posteriormente, discutem-se, a partir das categorias construídas, as problematizações e reflexões advindas da análise do livro em questão.

Referencial Teórico

Construção Social da Infância

Os significados de infância nem sempre foram os mesmos ao longo da história da sociedade ocidental, pois eles foram se construindo e se alterando em função de modificações culturais na sociedade. Segundo Neto e Silva (2007), a palavra infância vem de En-fant que significa ‘aquele que não fala’, com isso, podemos perceber o processo de construção de uma

infância onde a figura da criança é vista como aquela que não tem capacidade de ser, estar e atuar, vista apenas como um ser moldado pelo adulto ou como um indivíduo sem valor. Isso ocorre desde a sociedade medieval até tempos atrás, onde começam a mudar tais concepções e passa-se a ver a criança como um indivíduo pertencente ao meio social com sua cultura própria e seu modo de entender o mundo.

Ariès (1981, p. 10) diz que "a 'aparição' da infância se dá a partir do século XVI e XVII na Europa, quando o mercantilismo altera o sentimento e as relações frente à infância, modificado conforme a própria estrutura social". Conforme há transformações na estrutura social, começa a se transformar também o conceito de infância. Não se compreendia e não se pensava a infância como na atualidade, porque a criança não se diferenciava do adulto e não era representada significativamente na família, era vista somente como qualquer outro personagem. A percepção que se tinha era de um "ser em miniatura" que tinha que aprender a viver juntamente com os demais.

Segundo Ariès (1981) a infância na Idade Média era ignorada. As crianças não tinham muita relevância, pois não se pensava que elas já tivessem personalidade de um homem. Morriam facilmente e em grande número, com pouco sentimento por isso. Quando ela não precisava mais do apoio constante da mãe ou da ama, já ingressava na vida adulta, isto é, passava a conviver com os adultos em suas reuniões e festas sem nenhuma transição, sendo considerada um adulto em pequeno tamanho. Conforme os estudos históricos de Ariès (1981), as crianças, a partir dos sete anos de idade, independentemente de sua condição social, eram colocadas em famílias estranhas para aprenderem os serviços domésticos, tais serviços não eram considerados degradantes e constituíam uma forma comum de educação.

Com o passar dos tempos, surge o primeiro sentimento em relação à infância, que Ariès (1981) chamou de "paparicação". Com este, a criança, por sua ingenuidade, gentileza e graça, se torna uma fonte de distração e de relaxamento para os adultos. Passam a ocupar um lugar no olhar deles. O segundo sentimento da infância a surgir foi a tomada de consciência da inocência e da fraqueza da infância. Surgiu fora da família, entre os eclesiásticos, os homens da lei e os moralistas, preocupados com a racionalidade dos costumes e com a disciplina, os primeiros que se deram conta da necessidade de uma atenção especial à infância.

Ainda segundo Ariès (1981) no século XVIII, surge a preocupação com a higiene e a saúde física, que aproxima pais e filhos. Neste contexto, a criança se torna o centro das atenções e a família começa a se organizar em torno dela. Além disso, com o passar dos anos, cria-se um

traje especial que a distinguia dos adultos. Até o final do século XVII e início do XVIII, as crianças utilizavam roupas incômodas similares às dos adultos. No século XVIII, a mudança para uma roupa que permitia à criança sentir-se melhor, contribuir para trazer uma alteração na maneira de se compreender esse período da vida. Esse traje diferenciado, a incorporação de castigos corporais e a afetividade estabeleceram, portanto, os primeiros sentimentos de infância e introduziram os primeiros mecanismos de distinção entre a criança e o adulto. Com essas mudanças, paulatinamente o homem foi deixando de ver a criança como um adulto em miniatura.

Assim, o significado à criança é dado pela representação que o adulto dá à criança em suas relações. Conforme Kuhlmann Jr e Fernandes (2004) expressam: “A história da infância seria então a história da relação da sociedade, da cultura, dos adultos, com essa classe de idade, e a história das crianças entre si e com os adultos, com a cultura e com a sociedade” (KUHLMANN JR.; FERNANDES, 2004, p. 15). Portanto, para compreender o significado atribuído à infância ao longo da história, deve-se ter em mente que as crianças sempre estiveram inseridas em uma formação social determinada.

Infância Contemporânea

Vemos o quanto a concepção de infância está ligada à cultura em que se vive e à sociedade que os adultos criam para as crianças. Sendo assim, compreender a infância no mundo contemporâneo requer, primeiramente, compreender o mundo no qual estamos inseridos, ou seja, o entendimento da infância no contexto atual passa pela compreensão do modelo de sociedade que vigora nos dias de hoje. Assim, a infância hoje é o resultado de uma construção social, sendo uma noção decorrente dos movimentos que a sociedade produz. Kramer (2003, p. 86) afirma que “as visões sobre a infância são construídas social e historicamente: a inserção concreta das crianças e seus papéis variam com as formas de organização social”.

Deste modo, a concepção que temos da infância hoje é a de um período da vida ou uma fase que incita uma atenção diferenciada do adulto e, por isso, merece receber um cuidado específico. É um momento inicial do desenvolvimento humano, momento cronológico dos

primeiros anos de vida que antecede a puberdade, caracterizada por diversas características específicas.

A criança de hoje está em um mundo muito diferente daquele de décadas atrás. Ela participa de diversas esferas da vida social e traz uma experiência muito mais atravessada pela tecnologia e pela mídia. Os segredos pertencentes ao mundo dos adultos, aos quais as crianças não tinham acesso, vão deixando de existir (POSTMAN, 1999).

Para Campos e Souza (2003, p. 12), “a contemporaneidade tem-se caracterizado fortemente pelas relações de consumo permeando as interações sociais”. Temos acompanhado mudanças nas relações estabelecidas entre adultos e crianças em função da organização do cotidiano pela mídia e pela sociedade de consumo. Portanto, crianças – e não somente elas, mas também adolescentes e adultos – alteram suas relações intersubjetivas a partir das influências que a mídia e a cultura do consumo exercem sobre todos nós. Além disso, segundo Souza (2001), a criança vive o paradoxo de ser, ao mesmo tempo, consumidor e objeto de consumo. Sua face passa a ser rótulo até mesmo para produtos que não se destinam a ela.

Pensando na contemporaneidade do conceito de infância, Andrade (1998) discute a concepção do "ser criança" na sociedade atual trazendo dados de sua pesquisa que mostra indicações de que a criança ainda é considerada como um "ainda não", algo que se tornará sujeito um dia, quando adulto. Em contraposição, Postman (1999) relata que as crianças na atualidade participam da vida social em condições de igualdade com os adultos, onde se vestem como eles, ouvem as mesmas narrativas da vida, porém, possuem uma indústria de artefatos culturais voltados para o mundo infantil.

Nesta direção, Kramer (2003) se preocupa em discutir os direitos das crianças como cidadãs. Eles demonstram assim que uma grande preocupação nos dias atuais é assegurar os direitos das crianças. Portanto, a ideia que permanece nos dias de hoje é a de que a criança foi sendo preservada por meio das leis que emergiram desta significância em que a infância por um longo período foi se redimensionando.

Vivemos, entretanto, em uma realidade em que a criança está envolta a direitos de cidadania, com reduzidas condições para exercê-la, pois parece não existir um espaço reservado para a criança experienciar sua infância em sua plenitude. Vemos agendas lotadas de cursos e atividades que sobrecarregam seu dia-a-dia, fazendo com que elas ocupem um tempo em que poderiam brincar e se expressar livremente. São empurradas de maneira precoce para o universo adulto.

Kohan (2013) é enfático ao afirmar que a sociedade atual é hostil à infância e faz com que a abandonemos rapidamente, pois, segundo ele, a sociedade busca na educação da infância uma preparação para o futuro, para o mercado de trabalho e para a cidadania e acaba abandonando assim a possibilidade de viver a infância como experiência singular. Postman (1999) acrescenta:

Na era pós-industrial não haveria mais lugar para o “Era uma vez...”. A ideia da infância, uma das invenções mais humanitárias da modernidade, estaria destruída; com a mídia, a televisão, a internet, o acesso das crianças ao fruto proibido da informação adulta teria terminado por expulsá-la do jardim da infância. (POSTMAN, 1999, p. 86).

Além disso, percebe-se nas crianças o poder de inventividade delas que decorre da aguçada capacidade de imaginação. Essa capacidade é acentuada quando se tem a possibilidade de explorar, de conhecer diferentes pontos de vista e outras realidades. Inventar é uma maneira de se expressar, usando a originalidade e a imaginação. E as crianças têm facilmente muito potencial para isso. A inventividade, a imaginação e a curiosidade são intrínsecas ao universo infantil.

Corroborando com isso, Martínez (2004) coloca que a inventividade é uma qualidade que se mostra presente na maior parte das pessoas, mas principalmente nas crianças, uma vez que as crianças exploram, descobrem, mudam perspectivas e se encantam por formas e sentidos que se modificam. A inventividade necessita fazer com que o saber da humanidade se conecte com a expressão, abrindo caminhos para a manifestação das crianças. Mas, para isto, é preciso que as deixemos se expressarem livremente.

Segundo Sarmiento e Pinto (1997) as circunstâncias e condições de vida das crianças são, contemporaneamente, enquadráveis naquilo que tem sido uma das mais constantes facetas da infância: o caráter paradoxal que elas são consideradas pela sociedade "dos adultos". Para Pollard (1985) as crianças são importantes e sem importância, espera-se delas que se comportem como crianças, mas são criticadas nas suas infantilidades, é suposto que brinquem absorvidamente quando se lhes diz para brincar, mas não se compreende porque não pensam em parar de brincar quando se lhes diz para parar, espera-se que sejam dependentes quando os adultos preferem a dependência, mas deseja-se que tenham um comportamento autônomo, deseja-se que pensem por si próprias, mas são criticadas pelas suas 'soluções' originais para os problemas.

Larrosa (2006) relata que a infância é o outro, é algo que inquieta a segurança de nossos saberes, questiona o poder de nossas práticas e abre um vazio no qual se abisma o edifício bem construído de nossas instituições de acolhida. É portadora de uma verdade diante da qual devemos nos colocar em posição de escuta.

Resultados e Discussões

Inventividade

Todo ser humano tem o poder de inventar e isso decorre da capacidade de imaginação. Essa capacidade é acentuada quando se tem a possibilidade de explorar, e não há exemplo melhor do que uma criança. No livro “Casa das Estrelas – O universo contado pelas crianças” podemos perceber o potencial de inventividade delas, que não tem fim. Como exemplo, a palavra ‘bêbado’ é definida por Nelson Ferney Ramírez, de 7 anos, como: “é uma pessoa que mais ou menos quer matar”. Inventar, portanto, é uma maneira de se expressar, usando a originalidade e a imaginação, características potencialmente notáveis na infância.

Crianças exploram, descobrem, mudam perspectivas e se encantam com formas e sentidos que se modificam. A inventividade, assim, necessita fazer com que o saber da humanidade se conecte com a expressão, abrindo caminhos para a manifestação das crianças. Além disso, as crianças mostram suas compreensões de mundo na contemporaneidade e compreendem sua participação nesse mundo de uma forma bastante singular e inventiva. Elas acompanham as transformações históricas e sociais e também produzem mudanças, configurando-se como importantes agentes ou atores históricos e sociais.

Não podemos calar suas vozes e seu potencial expressivo, o próprio Naranjo (2013) fala em seu livro que é preciso dar voz às crianças, pois elas têm uma forma de pensar poética, uma conexão maior com o mundo, e por isso devemos parar de subestimá-las. Nós, adultos, podemos aprender muito com as crianças, há uma riqueza de ensinamentos transmitidos por elas, como o significado da palavra felicidade dito por Carolina Haayen, de 10 anos: “A felicidade é quando o amor, a paz e as coisas boas estão juntas”.

A criança, o adolescente, o adulto e o idoso, todos são inventivos, pois cada fase do desenvolvimento humano apresenta particularidades que apontam aspectos inventivos

específicos, a inventividade está na raiz da vida. Contudo, é na infância, mais que em qualquer outro período, que vemos uma urgência inventiva, pois, está sendo construídos os alicerces da criança.

As crianças, portanto, têm algo fundamental para esse potencial, pois elas são espontâneas, ousadas e possuem liberdade para errar. E o livro *Casa das Estrelas* deixa isso muito claro, principalmente pela espontaneidade das crianças, como colocada na definição da palavra nudez por Branca Yuli Henao, de 10 anos: “Quando a pessoa que se casa que vai tirar a roupa. Tudo é nudez.”, percebemos a inventividade da criança e o quão ousadas elas são, sem medo de errar. E pelo fato de não ter medo, ela se expressa sempre que tem oportunidade. Ela arisca-se sem medo.

A palavra tempo no livro, assim como várias outras palavras, mostra o quão inventivas elas podem ser. Liceth Andrea Zuluaga de 11 anos diz que o tempo “É algo que todos usamos enquanto estamos em lugares diferentes”. Deisy Bibiana Henao, de 6 anos, diz que é “Morrer”. Percebe-se com isso, além de sua inventividade, a possibilidade de as crianças se reinventarem o tempo todo, o que os adultos já fazem com muito mais dificuldades.

Segundo Larrosa (2006), uma criança traz sempre algo novo que dissolve a solidez do nosso mundo e suspende a certeza que nós temos de nós mesmos. Acrescenta o autor que a verdade da infância não está no que dizemos dela, mas no que ela nos diz do próprio acontecimento de sua aparição entre nós como algo novo. A palavra morte no livro é um exemplo do que Larrosa (2006) diz: “É dormir toda vida” (Daniel Herrera, 7 anos), “É quando não aguentamos” (Daniel Castro, 7 anos), “É um ser vivo já sem vida que ainda temos que amar” (Roberto Uribe, 11 anos), exemplos do quanto as crianças conseguem dissolver a solidez de nosso mundo, sempre.

A partir disso, compreende-se a necessidade que a criança tem de viver a sua infância, de inventar, investigar, explorar, observar e descobrir. Isto tudo, inclusive, deveria ser o foco primordial no processo educacional da infância, não podendo ser omitido ou minimizado por toda vivência da infância, pois são condições para que as crianças desenvolvam suas capacidades e habilidades, se descobrindo e estabelecendo vínculos e valores significativos. É preciso então conhecer as representações de infância e considerar as crianças concretas, localizando-as como produtoras inventivas da história (KUHLMANN, 2010).

Espaços de Expressão

É através da fala das crianças que vamos dando visibilidade a suas aprendizagens, suas formas de ver o mundo e de agir sobre ele. A criança é um ser humano completo competente, capaz de tomar decisões, de fazer escolhas, de ir compondo a si mesmo. Mas para isso é preciso que nós, adultos, possamos deixá-la se expressar. E é isso que o livro *Casa das Estrelas* tenta ressaltar, que nós adultos precisamos escutar as crianças com atenção e deixar que se expressem livremente. No livro, elas assim se expressam, livremente e, deste modo, a criatividade pode vir a tona. No livro, elas dão significados às palavras de acordo com seus pontos de vista, com suas maneiras de ver o mundo como, por exemplo, a palavra igreja, definida por Natalia Bueno, de 7 anos, como: “lugar onde as pessoas vão perdoar Deus”, ou a palavra sexo, que Mateo Ceballos, de 10 anos, define por “Trabalho das putas”.

Além disso, o livro permite perceber o quanto as crianças também têm noção do mundo e de tudo ao seu redor. Segundo Jhonan Sebastián Agudelo, de 8 anos, criança é um “Humano feliz”. Porém, não se pode cair no mito da infância feliz e idealizada, conforme aponta Calligaris (1994), pois elas também sofrem e têm noção do que seja tristeza, como traz Carol Cristina Toro de 7 anos: “Tristeza dói mais”.

E é através do livro “*Casa das Estrelas*” que se percebe, além da necessidade de escutar e deixar as crianças se expressarem, também uma clareza na leitura sobre nossas condições de vida na atualidade. Através de sua potência de inventividade, as crianças conseguem entender e, de certa forma, denunciar o que somos. Um exemplo disso é a palavra ‘adulto’ que, para Andrés Felipe Bedoya de 8 anos, é definida por: “pessoa que em toda coisa que fala vem primeiro ela”, apontando o quanto os adultos têm dificuldades em escutá-las.

Com isso, percebe-se que nossa sociedade tem uma visão adultocêntrica da criança, uma visão redutora, vendo a criança como um ‘vir a ser’, um ser inacabado e incompleto que precisa amadurecer e evoluir. Um ser que precisa se educar segundo nossos próprios modelos. Mediante isso, torna-se urgente pensar sobre qual nosso modo de conceber a infância e como olhamos para a criança. Muitas vezes ela é vista como sendo uma oposição ao adulto, oposição estabelecida por uma suposta falta de maturidade ou de idade. Quando a vemos desta maneira, estamos entendendo-a como um ser incompleto, que está em evolução para se tornar um ser como nosso reflexo, ao nosso modo, um ser igual a nós, adultos. E esta maneira de compreender a criança retira dela toda singularidade, toda potencialidade de ser diferente de nós.

Além disso, nós adultos temos decidido pelas crianças sem ouvi-las e sem observá-las, sem nos colocar em seu lugar, sem considerar o significado das opções que fazemos por elas. Decidimos o que achamos que é melhor para elas, decidimos o que elas devem fazer, o que elas conseguem fazer, o que devem pensar ou não.

Houve um tempo em que a criança era considerada um adulto em miniatura, porém, atualmente a criança é considerada o centro de muitas famílias, onde a ela é destinado um cuidado especial, tanto no nível de seu crescimento biológico, quanto emocional. Mas apesar de ela ser o centro de muitas famílias e requerer um cuidado especial, não podemos vê-la apenas como um ser biológico e cronológico.

A noção de criança como sujeito a ser moldado pelos adultos nasceu na Modernidade e, com ela, surgiram as escolas, para auxiliar na tarefa de ajustar essa infância, adaptando-a àquilo que nós adultos desejamos que sejam. No livro, Carolina Álvarez de apenas 7 anos diz que criança “é brinquedo de homens,” um significado para a palavra criança muito impactante, mas que mostra a realidade vivida na atualidade.

Portanto, é de suma importância que nós, adultos, possamos refletir sobre o grande potencial que nossas crianças possuem e deixá-las se expressar a sua maneira. Escutá-las é como fazer uma viagem ao território da infância, que traz oportunidades de descobrir o que as crianças têm a dizer novos mundos e de que novos repertórios possam ser descortinados. A infância, portanto, não pode ser concebida como uma corrida para chegar primeiro: as crianças precisam de tempo para vivê-la.

Considerações Finais

A criança de hoje mudou e é com esta nova criança que estamos conversando. É preciso levar em conta as modificações sociais trazidas para compreender o que elas têm a dizer. As crianças estão em um mundo repleto de novas informações e conhecimentos, e percebe-se nitidamente isso no livro Casa das Estrelas. Por meio da extraordinária capacidade inventiva, da magia e fantasia, que a criança elabora suas perdas, materializa seus desejos, compartilha sua vida, anima tudo a seu redor, muda de tamanho, liberta-se da gravidade, fica invisível e, assim, comanda o universo (PACHECO, 1998).

Precisamos conhecer as crianças, compreendê-las na sua simplicidade complexa, abandonar nossas certezas e padronizações, demonstrando-nos flexíveis a suas manifestações expressivas. Precisamos ouvi-las, elas têm muito a nos dizer e a nos ensinar. Seus desejos, questionamentos, curiosidades e sonhos compõem um conhecimento que os adultos pouco dominam.

As crianças mostram sua compreensão de mundo na contemporaneidade e compreendem sua participação nesse mundo de uma forma bastante inventiva. Elas têm um potencial de inventividade enorme, o que faz com que, segundo Naranjo (2013), elas fiquem mais próximas da experiência poética que os adultos, portanto, é preciso parar de subestimá-las. O livro abre possibilidades de significações e de aprendermos com elas.

Precisamos apurar nosso ouvir, aprender sobre a criança é fundamental, como pensam, como sentem, seus modos de ver e de conceber o mundo; elas têm muito a nos dizer e a nos ensinar. Conclui-se estas reflexões com a fala de Johana Villa, de 8 anos, sobre o que é ser criança: “Para mim a criança é algo que não é cachorro. É um humano que todos temos que apreciar”.

Referências

ANDRADE, A. N. A criança na sociedade contemporânea: do ‘ainda não’ ao cidadão em exercício. *Psicol. Reflex. Crit.*, Porto Alegre, v. 11, n. 1, p. 161-174, 1998.

ARIÈS, P. *História social da Criança e da Família*. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

CALLIGARIS, C. O reino encantado chega ao fim. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 24 Jul 1994. Caderno Mais. p 4-6.

CAMPOS, C. C. G.; SOUZA, S. Mídia, Cultura do Consumo e Constituição da Subjetividade na Infância. *Psicologia Ciência e Profissão*, v. 23, n. 1, p. 12-21, 2003.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

KOHAN, W. O. *Infância*. Entre educação e filosofia. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

KRAMER, S. Infância, cultura e educação. In\; PAIVA, A.; EVANGELISTA, A.; PAULINO, G.; VERSIANIN, Z. (Orgs.). *No fim do século: a diversidade*. O Jogo do Livro infantil e Juvenil. Belo Horizonte: Editora Autêntica/CEALE, 2000. p. 9-36.

KRAMER, S. Infância, cultura contemporânea e educação contra a barbárie. In\; BAZÍLIO, L. C.; KRAMER, S. *Infância, educação e direitos humanos*. São Paulo: Cortez, 2003. p. 83-106.

KUHLMANN, M. *Infância e educação infantil: uma abordagem histórica*. Porto Alegre: Mediação, 2010.

KUHLMANN, M., FERNANDES, R. Sobre a história da infância. In\; FARIA FILHO, L. M. (Org.). *A infância e sua educação: materiais, práticas e representações* (Portugal e Brasil). Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p. 15-33.

LARROSA, J. O enigma da infância. In\; LARROSA, J. *Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas*. 4ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MICHEL, M. H. *Metodologia e Pesquisa Científica em Ciências Sociais*. São Paulo: Atlas, 2015.

MINAYO, M. C. S. (org.). *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade*. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MARTÍNEZ, A. M. O outro e sua significação para a criatividade: implicações educacionais. In\; SIMÃO, A. M.; MARTINEZ, A. M. (orgs.). *O outro no desenvolvimento humano*. Diálogos para a pesquisa prática profissional em psicologia. São Paulo: Pioneira Thomson Learnig, 2004.

NARANJO, J. *Casa das Estrelas*. O universo contado pelas crianças. Brasil: Foz, 2013.

NETO, E. S.; SILVA, M. R. P. *Quebrando as armadilhas da adultez: o papel da infância na formação das educadoras e educadores*. São Paulo: UEMESP, 2007.

PACHECO, E. D. (org) *Televisão, criança, imaginário e educação*. Campinas: Papyrus, 1998.

POLLARD, A. *The Social World of the Primary School*. London: Cassei Education, 1985.

POSTMAN, N. *O desaparecimento da infância*. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

SARMENTO, M. J.; PINTO, M. As crianças e a infância: definindo conceitos delimitando o campo. In\; PINTO, M.; SARMENTO, M. J. (coords.). *As crianças: contextos e identidades*. Braga, Portugal: Centro de Estudos da Criança, 1997.

SOUZA, S. J. Resignificando a Psicologia do Desenvolvimento: uma contribuição crítica à pesquisa da infância. In\; KRAMER, S.; LEITE, M. I. (orgs.) *Infância: fios e desafios da pesquisa*. 6 a ed. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

Como citar este artigo (Formato ABNT):

TEIXEIRA, Marizete Argolo; LOPES, Alana Silva; COSTA, Elayny Lopes; MATOS, Robson dos Anjos. Implantação do Método Mãe Canguru: Revisão Integrativa. **Id on Line Rev.Mult. Psic.**, 2019, vol.13, n.44, p. 841-854. ISSN: 1981-1179.

Recebido: 12/02/2019

Aceito 27/02/2019.